

A IMAGEM DA NOITE EM *TRAJETÓRIA EM NOITE ESCURA*

Neide Hissae Nagae

RESUMO: *Trajectoria em Noite Escura (An'ya Kôro)* de Shiga Naoya possui um título bastante adequado ao seu conteúdo. Apresentaremos, aqui, algumas passagens relativas à “noite” que envolve a vida do protagonista, Tokitô Kensaku, cujo nome era o antigo título dessa obra concluída em 1937.

ABSTRACT: *Trajectory in Dark Night (1937)* written by Shiga Naoya is a very appropriate title to its contents. Here, we will present some passages about the “night” involving the life of the protagonist, Tokitô Kensaku, whose name was the former title of this work, concluded in 1937.

PALAVRAS-CHAVE: *Trajectoria em Noite Escura*, Literatura Japonesa do Período Taishô-Shôwa, Shiga Naoya, análise literária: a imagem da noite.

KEYWORDS: *Trajectory in Dark Night*, Japanese Literature of Taishô-Shôwa period, literary analysis: night's image.

Trajectoria em Noite Escura (An'ya Kôro) foi escrita entre 1912 e 1937 por Shiga Naoya. Composta por prefácio e dois tomos, a obra é subdividida em quatro partes, respectivamente com doze, quatorze, dezenove e vinte capítulos.

Nesta obra acompanhamos a vida de Tokitô Kensaku, o protagonista, que sofre principalmente pelas conseqüências do adultério de sua mãe com o avô paterno e, posteriormente, da esposa com o primo desta.

O título da obra estudada levava inicialmente o nome do protagonista, *Tokitô Kensaku*, mas foi mudado para o atual na primavera de 1920, quando Shiga aceita escrever para o vespertino do jornal *Mainichi* de Osaka. O primeiro nome condizia

mais com o estilo de Shiga, mas o autor atendeu ao pedido do jornal e ganhou o novo título. A obra, no entanto, não veio a ser publicada daquela vez, pois havia um desencontro entre a expectativa do jornal e o que o autor se propusera a fazer. Por isso, quando houve uma insistência para que o conteúdo do romance se tornasse mais acessível para estar na coluna de romance de costumes, Shiga desiste de escrever, preferindo manter o seu estilo de valorizar a criação literária¹. O título, porém, é mantido quando a obra vem a ser publicada pela editora Kaizô em janeiro de 1921.

Parece-nos que a obra não recebeu esse título por acaso, pois a trama sugeria algo ligado à negra experiência do protagonista, e, apesar de não agradar de pronto ao autor, ele acabou simpatizando com o nome:

Quanto ao título, *Trajatória em Noite Escura*, na época em que foi criado, não gostei muito, mas agora, depois de tantos anos, já não me desagrade. (*Conversas adicionais sobre a criação literária – continuação*, 1938)

Assim, como sugere o título, podemos observar que a imagem da “noite” está presente em diversos momentos.

Logo no Prefácio, narrado em primeira pessoa, com o subtítulo de “Reminiscências do protagonista”, vemos as infelicidades que cercam Kensaku ainda criança: a morte da mãe aos seis anos, a sua ida para a casa do avô que mal acabara de conhecer, separando-se do pai e dos irmãos. As recordações de sua infância também são cercadas de uma certa frieza por parte do pai e um rigor excessivo por parte da mãe que fazem o protagonista se sentir discriminado mas resignado ao mesmo tempo.

No Capítulo I do Tomo I, encontramos Kensaku já adulto. Sua atividade é basicamente noturna: nas andanças pelas casas de chá e com os amigos e as gueixas. Seu horário de trabalho também: normalmente ele se dedica à criação literária altas horas da noite até o amanhecer. Nessa época, o seu relacionamento com as pessoas era acompanhado de uma desconfiança que não o agradava. O relacionamento com o amigo Sakaguchi, por causa do romance que oferecia interpretações desagradáveis. Com a gueixa Tokiko, inicialmente interessante, logo ficou desmotivado, e com Okayo, as decepções logo aumentaram. Essa acentuada dificuldade nos relacionamentos também era consequência de uma proposta de casamento recém-recusada cujo motivo ele não conseguia entender. Kensaku pensa então que “É uma doença momentânea do espírito”, ficando mais cauteloso e medroso com tudo que lhe pudesse trazer novas decepções.

Em seu diário, escreve:

É como se estivesse me encarregando de algo muito pesado. Algo repulsivo e negro está me encobrendo da cabeça aos pés. Não vejo o céu azul logo acima de minha cabeça. Algo sobreposto e sufocante se espalha no meio. Afinal, de onde vem essa sensação? (Cap. IX, Primeira Parte)

Após a experiência desagradável no bordel e atraído até por Oei – a mulher cerca de dezessete anos mais velha que morava com o avô quando ele foi para sua casa

1. O autor revela esse incidente quando escreve um comentário sobre as lembranças de *Trajatória em Noite Escura*, em dezembro de 1937 (Shiga Naoya, *Obras Completas*, volume 10, pp. 153-154).

aos seis anos de idade, após o falecimento da mãe, e que cuidou dele desde então –, o protagonista resolve partir em viagem.

No convés do barco, em meio à escuridão, Kensaku vai olhar a paisagem:

Era uma noite escura e não se enxergava nada. Só uma pequena luz, perto do mastro, tão longe que, de início, pensou ser uma estrela. Não havia uma só pessoa. Só o uivar do vento e o barulho da água quebrado pelas cristas da onda. Agora não ouvia mais a vibração do vapor nem o barulho da corrente. Indo contra o vento, o navio avançava na escuridão. Parecia-lhe um grande monstro. Enrolado no sobretudo, ficou em pé, com as pernas afastadas uma da outra. Mesmo assim, com o balanço forte do navio, acompanhando o barulho do mar, e com o vento que se formava, de vez em quando, era quase derrubado. Sem chapéu, o vento batia em seus cabelos, levantando-os. E, como os cílios eram empurrados, os olhos começaram a coçar. Sentiu-se como se, no momento, estivesse envolto em algo grandioso. Tanto em cima quanto embaixo, na frente e atrás, na esquerda e na direita, era uma escuridão sem fim. E bem no centro dela, ele estava assim, em pé. Todas as pessoas, naquele momento, dormiam em suas casas. E só ele assim, em pé, diante da natureza. Representando a todos. Foi tomado por uma sensação de orgulho. Mesmo assim, não conseguia vencer a sensação de que ele próprio estivesse sendo tragado para o interior de algo muito, muito grandioso. Não era uma sensação ruim, mas ele sentiu solidão, desamparo. Como que verificando sua própria existência, colocou força no abdômen e respirou, enchendo os pulmões, mas, assim que relaxava, logo se sentia como se estivesse sendo tragado.

Uma sombra negra se aproximou. Era o *boy*. Disse alguma coisa, mas, por causa do vento, ele não entendeu nada. O *boy* foi embora. Em seguida, Kensaku desceu. Seu corpo estava completamente gelado. (Cap. I, Segunda Parte)

Kensaku, desconhecendo sua origem, está mergulhado nas trevas. Nesse navio, onde ele parte em busca de alguma luz, mostra-se frágil diante do que é denominado de algo grandioso, resiste, reluta e esse momento de embate acaba sendo interrompido pela presença do *boy*.

Já instalado em Onomichi, um lugar simples, levando uma vida completamente diferente da que tinha em Tóquio, Kensaku volta-se para o trabalho de criação literária, mas não consegue resolver algumas questões (questões essas decifradas após a revelação de sua identidade que Nobuyuki, irmão de Kensaku, lhe faz por carta, ao ser solicitado para intermediar o casamento de Kensaku com Oei).

Com o enigma decifrado, a escuridão que não o fazia enxergar nada aumenta ao invés de se dissipar. Acha que a única escapatória no momento é direcionar-se para o trabalho mas não consegue criar ânimo:

Uma estranha tristeza, algo tenebroso, desconhecido, assolava-o por todos os lados. E no momento, em nenhum lugar de seu corpo, tinha armazenado forças suficientes para repelir esse sentimento. Tanto sua mente quanto seu coração estavam completamente vazios. Tal sentimento penetrava nele livremente. (Cap. VII, Segunda Parte)

É tentado a voltar à antiga vida boêmia, mas reluta; sente que era preciso abster-se de verdade; acha que poderá evitar que o seu nascimento enquanto resultado de uma falha moral se transforme numa hereditariedade. Mesmo envolto por essa origem

negra, Kensaku resiste, não vendo nela uma fatalidade, mas desejando manter a sua inteireza.

De volta a Tóquio, ele continua nessa luta interior e sente vontade de ir para um lugar bem distante onde ninguém o conhecesse, ou melhor, nem ele próprio se conhecesse. Encontra um pouco de serenidade com os ensinamentos zen que Nobuyuki lhe passara e procura o mesmo em outros livros, como os de poesia.

Ainda sem rumo, vai a Quioto onde encontra Naoko, com quem se casa cerca de meio ano depois. A primeira impressão sobre Naoko foi bastante positiva, mas, como sempre acontecia numa segunda vez, ela não lhe pareceu tão atraente, tendo-a cativado pela sua atitude correta.

No encontro com a família de Naoko e os padrinhos, não achou a futura esposa tão bela. A viagem a deixara abatida. Kensaku também estava cansado e com os nervos abalados:

A peça terminou já tarde. Lá fora, a lua, quase lua cheia, já ia alta. Kensaku despediu-se logo de todos e, com o sentimento de liberdade de um passarinho que sai da gaiola, foi andando ao longo da calçada do santuário Yasaka, em direção ao Chion-in. Bastava-se ficar sozinho, apenas isso... À medida que se aproximava do grande portal da montanha do Chion-in, a lua se escondia por trás dela e ele enxergou o grande portal ainda mais escuro.

Kensaku teve um mau pressentimento em relação ao futuro, já que o primeiro passo para o casamento começara daquela maneira. Mas pensou que, acima de tudo, o problema era ele. (Cap. XII, Terceira Parte)

Dias antes do casamento, a família de Naoko vai visitar Kensaku em sua casa e desta vez, ele sente seu coração bailar ao ver Naoko bela e mostrando muita vivacidade, e, após o casamento, o casal passa dias alegres, entre passeios e diversões. Com a vinda do primeiro filho, Kensaku acha que uma nova vida terá início. Na noite do oitavo dia de nascimento, porém, ele mostra sinais de anormalidade e logo vem a se saber que está com erisipela. Várias tentativas são feitas para salvar a sua vida em meio a dias de intenso sofrimento para toda a família, mas o primogênito falece um mês depois. Quando a criança começara a chorar incessantemente, e Kensaku vai procurar ajuda com um médico da vizinhança, temos a descrição:

Kensaku saiu pela porta da cozinha. Era uma noite escura, nublada, sem nenhum vento. (Cap. XVIII – Terceira Parte)

Durante a luta com a doença, Kensaku lembra-se de que na noite do nascimento do bebê ele havia ido a um concerto e ouvira *Erlkönig*, música de Schubert² em que o deus da morte leva uma criança em noite de tempestade, e Kensaku não se sente bem. Era como se fosse um presságio³.

2. F. P. Schubert (1797-1825), compositor austríaco. O título da música significa “rei dos demônios” e foi composta com base no poema de Goethe.
3. Nesse episódio, em especial, o autor se mostra bastante supersticioso. Embora não sejam opiniões suas, apresenta algumas crendices dadas como “causas” da enfermidade da criança: o salgueiro que havia na

Após a morte da criança, Kensaku tenta se direcionar para o trabalho mas não consegue:

Por que tudo sempre se mostrava difícil para ele? Se o destino, para ele, tinha que ser assim, ele também encararia desse modo. É claro que ele não era a única pessoa a perder um filho. E morrer sofrendo tanto tempo com erisipela, não fôra uma infelicidade que atingisse apenas o seu filho. Isso ele sabia, mas por ter percorrido, até aquele momento, caminhos tenebrosos, quando achou que enxergara uma luz, desejando uma nova mudança em sua vida, o nascimento de um filho, que deveria ter sido uma alegria, fôra o contrário, trazendo-lhe novos sofrimentos. (Cap. XIX, Terceira Parte)

Kensaku passará por novo sofrimento quando, ao voltar da Coréia, onde fôra buscar Oei, que estava em apuros, Naoko revela-lhe que fôra possuída pelo primo Kaname que estivera em sua casa na ausência de Kensaku.

Na manhã seguinte à revelação, ele sai para encontrar-se com Suematsu e o clima apresenta-se obscuro:

Lá fora, havia um tom acinzentado como se já anoitecesse; dentro do trem, estava ainda mais escuro. (Cap. VI, Quarta Parte)

E enquanto conversava com o amigo, vai tomando a consciência de que sempre viera lutando com o seu próprio interior e não com algo exterior, pois, procurava a solução apenas dentro de si mesmo. Na estação, esperando o trem:

Kensaku estava com o olhar perdido na direção do Monte Higashi. De repente, percebeu algo preto cortando o vento, movendo-se nas nuvens. Naquele instante, foi tomado por um sentimento próximo do pavor. (Cap. VI, Quarta Parte)

Era um avião, mas, a atmosfera negra que ocupava o seu interior é expressa pelo pavor que ele sente nesse instante. Esse clima permanece na forma de uma intranquilidade espiritual, e Kensaku passa a manifestar crises de nervos que culminam logo após o nascimento da filha, quando estão indo assistir a uma peça de teatro. Na hora em que, atrasada, Naoko tenta subir no trem já em movimento, Kensaku empurra-a. Ela não se machuca gravemente, mas o relacionamento entre o casal piora até que ele resolve afastar-se de casa por uns tempos.

Vai, então, fazer um retiro espiritual em Daisen, e, quando escala a montanha, consegue, finalmente, resolver o seu conflito interior, mostrando a sua aceitação na integração com o natureza:

[...] Ele vestiu o suéter que trouxera, [...] entrou pelo mato de capim, à procura de um lugar tranquilo, e sentou-se, dando as costas para a montanha. [...] e ficou absolutamente sozinho sob

entrada da cozinha e que ficava a nordeste, considerado de mau agouro, segundo a teoria Ying-Yang, e o cachorro, que morava com eles, fôra dado a um vizinho, quando souberam que não era bom ter um cachorro nascido no mesmo ano que o bebê.

aquele céu imenso. O vento gelado soprava de leve, em silêncio, balançando as espigas de capim.

Estava exausto, como se fosse uma estranha embriaguez. Sentiu mente e corpo diluírem-se no meio da grande natureza. Essa natureza era algo que ele sentia como um gás envolvente, de uma grandiosidade infinita, e ele próprio era tão pequeno quanto uma papoula sem pétalas. Ele, porém, ia se diluindo nela. A sensação dessa transformação era tão agradável que ele não tinha palavras para se expressar. Assemelhava-se à sensação de ir caindo no sono quando se tem sono, sem qualquer receio. Por um lado, ele estava meio dormente. A sensação de se dissolver na natureza não era, a rigor, a primeira experiência, mas esse sentimento de devaneio, sim. Nos casos anteriores, ao invés de se dissolver, sentia-se como se fosse sugado e, mesmo sendo agradável, naturalmente lhe vinha uma vontade de resistir a isso. Sentia uma certa intranquilidade, por ficar difícil de resistir, mas agora era completamente diferente. Ele não tinha a menor vontade de oferecer resistência. Só tinha a sensação de ir se diluindo à mercê da natureza, sem qualquer receio.

A noite estava calma. Não se ouvia nem o canto dos pássaros noturnos. Lá embaixo havia uma névoa fina. Kensaku não enxergava a claridade das vilas. Só conseguia avistar as estrelas, e, abaixo delas, não muito nítida, essa montanha que dava a impressão de ser as costas de algum grande animal. Ele pensou que dava, naquele momento, o primeiro passo para o caminho que leva à eternidade. Não sentiu medo algum da morte. E pensou que, se fosse para morrer, poderia morrer assim mesmo, pois não sentiria nenhum rancor. No entanto, não achava que se ligar à eternidade significava morrer.

Com os cotovelos apoiados nos joelhos, Kensaku dormiu algum tempo. Quando abriu os olhos, uma amanhecer azulado o envolvia. As estrelas ainda não haviam sumido: só diminuído, e o céu tinha um azul suave. Ele o sentiu como se fosse a cor que carregava piedade. [...]

A mudança da paisagem, ao amanhecer, era muito rápida. Logo depois, quando se voltou para olhar, raios de luz laranja subiam do outro lado do topo da montanha como se flutuassem. Foram se tornando cada vez mais fortes, e, quando começaram a ficar foscas, tudo ao redor, de repente, estava claro. [...] Kensaku considerou uma raridade ver, na terra, a sombra da montanha mais alta da Região Chûgoku, com um contorno bastante acentuado, e emocionou-se. (Cap. XIX, Quarta Parte)

Nessa descrição da natureza, está simbolizada a transformação da interioridade de Kensaku. Antes ele dizia aceitar a sua condição e até sentia-se uma pessoa livre, sem vínculos com ninguém, e também que perdoara Naoko, mas continuava sofrendo, sem ver uma solução para a sua vida. Nesse momento, no entanto, ele encontra a luz tão desejada, que não é a luz no final do túnel, mas uma luz que o abraça e penetra em seu íntimo, tornando-o capaz de viver em harmonia consigo mesmo e, conseqüentemente, com os outros.

Sobre a imagética ou símbolo da noite, Kawasaki Toshihiko (1970) aponta que a noite está presente na obra mesmo antes da mudança do título para *Trajatória em Noite Escura*, e exemplifica com o sofrimento de Kensaku ao conhecer sua própria identidade, o seu sentimento em relação ao sexo, e os sonhos “maus” com Oei, mas afirma que a sua utilização se torna mais evidente a partir da última parte da obra quando o protagonista pensava enxergar a luz com o nascimento do primeiro filho, e advém nova tragédia. O estudioso afirma que, pelo título, espera-se uma história de sofrimento do protagonista e um encaminhamento rumo à “manhã” As passagens

com a força da noite, que aprisionam o protagonista, tocam o leitor e fazem com que haja uma identificação com o seu destino de buscar pelo alvorecer.

Concordamos com a sua interpretação de que, quando Kensaku parte de Yokohama rumo a Onomichi, e está no barco em meio à escuridão, sentindo ser absorvido por algo grandioso, a possibilidade de salvação está diante de seus olhos, mas ele não consegue agarrá-la porque continua resistindo. Isso prenuncia o resultado da vida em Onomichi, onde parecia que seria salvo, mas não o foi. Em Daisen, no entanto, a sensação agradável de ir se diluindo mostra que ele não mais oferece resistência e não sente mais intranquilidade. Nesse lugar, ele alcança o desprendimento total em relação à natureza. E então começa o tão esperado alvorecer.

Considerando-se que a obra passou por diversas etapas que impediram a sua continuidade, levando mais de vinte anos para ser concluída, observamos que a “noite” está presente não apenas na vida do protagonista, mas também na vida do autor e, por extensão, na elaboração da obra em si.

Bibliografia

- AGAWA, H. *Shiga Naoya*. Tóquio, Iwanami, v. 1 e 2, 1994.
- HIRANO, K. *Hirano Ken sakka ron shû (Coletânea de Teses sobre Autores por Hirano Ken)*. Tóquio. Shinchô, 1971.
- ICHIKO, T. *Nihon bungaku zenshi (História Geral da Literatura Japonesa)*. Tóquio. Gakutô, 1979.
- KAWASAKI, Toshihiko. *Bunseki hihyô nyûmon (Introdução à Análise Crítica)*. Tóquio. Shibundô, 1970.
- SHIGA, N. *Shiga Naoya zenshû (Obras Completas de Shiga Naoya)*. Tóquio. Iwanami, 1955, 15 volumes.
- MESQUITA, S. N de. *O Enredo*. São Paulo. Ática, 1994, 3ª edição.